

FONTE : N. Glória

CLASS. : Índios Isolados

DATA : 19 03 89

PG. : 12  
IISR 0024

# Brasileiros que jamais viram os brasileiros

MÁRCIA BRANDÃO

BRASÍLIA — Se fosse possível para o navegador espanhol Francisco Orellana, o primeiro europeu a pisar na Amazônia, voltar hoje lá, provavelmente ficaria admirado por encontrar alguns lugares exatamente como deixou — há séculos atrás. Como naquela época, ele também teria oportunidade de entrar em contato com índios que nunca viram armas de fogo, metal ou qualquer um dos objetos produzidos pela chamada civilização.

Quem são, como estão, e que ameaças podem estar sofrendo esses índios — que desde o início dos tempos vivem apenas sua própria cultura, completamente isolados do mundo — é o trabalho que a Coordenadoria de Índios Isolados (CII) da Funai está começando a fazer. Já foram mapeados 86 pontos do território brasileiro onde vivem indígenas isolados.

Para o índio seria muito melhor que o branco não existisse. Mas a civilização avança e ocupa mais e mais espaço, ultrapassando todas as fronteiras. Por isso é importante esse trabalho da Funai — garante o sertanista Sidney Possuelo, que há 22 anos trabalha em frentes de atração e, agora, responde pela CII.

A constatação da existência de índios isolados, "os últimos remanescentes daquilo que Cabral viu", segundo o sertanista, não determina a obrigatoriedade de contatá-los. A presença da Funai nesses casos só deve ocorrer "em casos de grave ameaça à sobrevivência do grupo".

Se a ameaça não existe, não se justifica o contato — diz Possuelo. A partir de informações colhidas entre sertanistas, antropólogos, indigenistas, índios e populações regionais — a CII catalogou e mapeou 86 grupos indígenas isolados na Amazônia legal. E repassou esses dados para as autoridades governamentais.

Se amanhã quiserem construir uma hidrelétrica numa dessas áreas não poderão dizer que desconheciam a existência dos índios — disse Possuelo.

Esses grupos estão no Amazonas (26), no Pará (20), no Mato Grosso (11), em Rondônia (10), no Maranhão (8), em Roraima (5), no Acre (4) e em Goiás (2). Não se sabe quantas pessoas são no total, pois variam desde pequenos grupos familiares de seis pessoas até grupos maiores com 350 a 400 pessoas, segundo o sertanista.

Para nós não interessa o número, mas sim o que cada grupo representa em termos de cultura, de língua, de etnia, etc — explicou. O levantamento realizado pela CII indica a localização dos índios, o município e o Estado, a que administração regional da Funai a área pertence, e o nome do grupo indígena. Vários não têm nome e há casos que surpreendem. O levantamento mostra, por exemplo, que haveria um grupo isolado ao Sul do Parque Indí-

gena do Xingu. Em 1987, índios Yawalapiti informaram à Funai que ali existe o povo Agavotoqueng, ainda isolado.

Os índios isolados, de acordo com o levantamento, seriam parte dos seguintes grupos indígenas: Nambikwara, Karipuna, Erikpatsa, Kayabi, Mura-Pirãã, Apiaká, Kaiapó, Guajá, Arawete, Parakanã, Kararaó, Mundurucu, Arara, Faskyana, Koroyana, Urukuriano, Mawayana, Akryana, Wai-Wai, Karafawyana, Farikotó, Faxuyana, Tykyana, Mayfurixana, Txakunta, Tuyana, Kowiyana, Turuwiyana, Xereu, Yanomami, Maku, Korubo, Mayoruna, Marimã, Juma, Avá-Canoelero, Karitiana e Arikén.

A CII vai agora iniciar um trabalho de confirmação dessas informações, com equipes que irão sobrevoar as áreas e conversar com populações regionais ou outros grupos que possam ter conhecimento sobre a existência dos índios isolados. Não serão feitos contatos com eles nesta fase, nem na segunda, que será a de manter equipes de vigilância na região, com o objetivo de buscar a proteção do meio ambiente e o resguardo da terra indígena. O contato só será feito quando o processo de vigilância se mostrar insuficiente para garantir a sobrevivência dos grupos, segundo Possuelo.

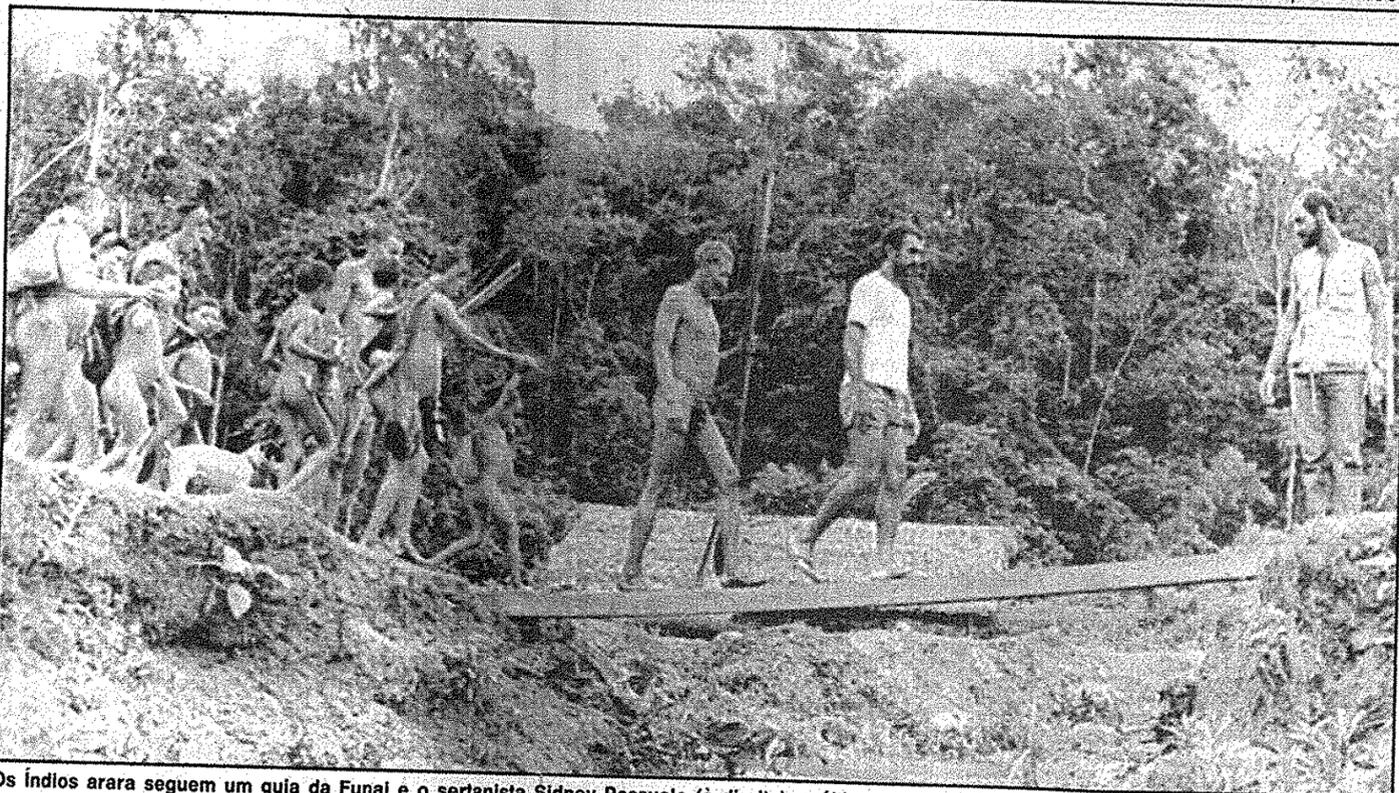
Contraditoriamente, o trabalho de contato, que é feito para proteger o índio de ameaças externas, traz em si muitos fatores negativos para a comunidade. Um deles, segundo o sertanista, é o de que a equipe de atração cria para o índio necessidades que ele desconhecia, como a substituição de seus instrumentos naturais por produtos manufaturados.

Substituiu-se, por exemplo, o machado de pedra pelo machado de aço. E isso, segundo Possuelo, gera uma dependência econômica do índio em relação ao branco. O contato traz também doenças desconhecidas para os índios porque o organismo deles está despreparado. Com isso, vem a dependência da medicina. A própria estrutura econômica, social e política do grupo se altera a partir do contato, segundo Possuelo.

O que resta de positivo neste quadro é que sem a nossa intervenção os grupos isolados estão fadados ao desaparecimento. Nosso contato no fundo é uma proposta de esperança de sobrevivência física. Está comprovado que os povos contatados que hoje existem, apesar dos malefícios, estão sobrevivendo, enquanto os que não foram contatados da forma correta desapareceram — justifica.

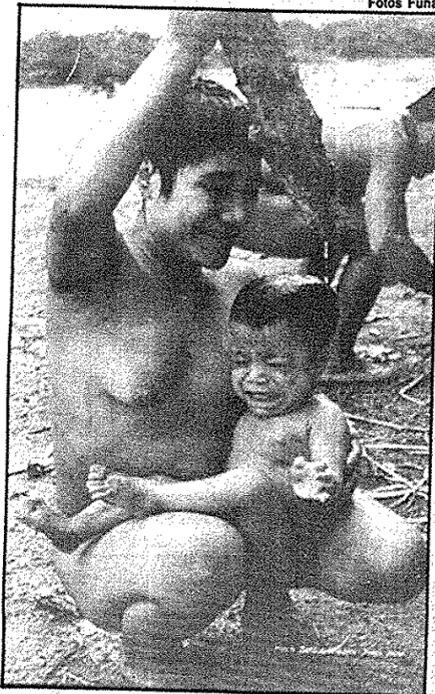
Sidney Possuelo diz que a questão dos índios isolados é polêmica e delicada. O índio isolado, apesar dos meios elementares de que dispõe, sabe viver bem em seu território.

A mais grave traição a eles está no fato de que, depois de contatados, já dóceis às manobras da nossa sociedade, e portanto já dependentes da nossa proteção, não têm a presença firme do Estado na defesa e garantia de suas terras.



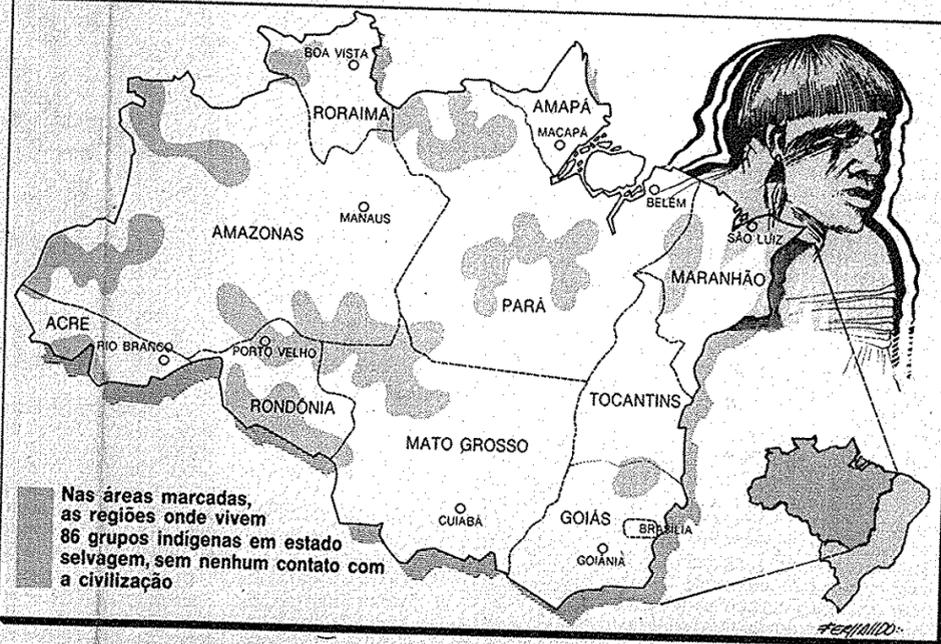
Os índios arara seguem um guia da Funai e o sertanista Sidney Possuelo (à direita): a última nação indígena a entrar em contato com a civilização

Fotos Funai



Na beira do rio, a mãe índia banha o filho

## As tribos isoladas no Brasil



# Nova era dos arara começou em 1975

BRASÍLIA — O tapiri é peça fundamental numa frente de atração. Local próprio onde todas as tribos recebem os presentes, ele é o termômetro do relacionamento entre o índio isolado e a equipe de contato. Se o índio pega o brinde e o leva, é um sinal positivo. Se ele pega e deixa outro em troca, é um sinal altamente positivo. Mas se ele destrói o tapiri, o sinal é de absoluta rejeição à presença de estranhos.

Os índios Waimiri-Atroari e os Arara são os que mais reagiram à penetração e, não apenas destruíram tapiris, como mataram muitos dos que entraram em seus territórios.

Os Arara foram o último grupo contatado pela Funai. O primeiro contato levou 11 anos de trabalho. O último ocorreu em 1986. A insistência em contatá-los estava no fato de que eles eram um dos grupos ameaçados pela Transamazônica. E

os Waimiri-Atroari estavam ameaçados pela construção da estrada Manaus-Caracará.

O sertanista Sidney Possuelo, da Coordenadoria de Índios Isolados (CII) da Funai, mantém em sua sala fotos de sertanistas que morreram em frentes de atração. E há pouco tempo soube que ele próprio esteve muito perto de ser alvejado pelas costas por uma flecha de um índio Arara, em 1981.

Quem lhe contou isso foi o próprio índio, que hoje ele considera seu amigo. O fato não aconteceu apenas porque um outro índio baixou o braço daquele que apontava a flecha contra Possuelo. Na ocasião, era noite e ele sequer sabia que atrás dele estava um índio armado, pronto para se defender da sua presença.

A história das frentes de contato não é marcada apenas por fatos como este. Há momentos de carinho e

de alegria. E também pitorescos. Como quando alguém da frente esqueceu uma lanterna no tapiri e os índios a carregaram como brinde. Em volta da fogueira eles tentaram descobrir que objeto era aquele. Quando a lanterna se acendeu, os índios pensaram que o objeto tinha vida e o "mataram" a pauladas.

Em seguida, jogaram a lanterna destruída na fogueira. O produto químico da pilha provocou estouros e como os índios acharam que o objeto continuava vivo, fugiram do local. Os fatos foram contados a Possuelo pelos próprios índios, depois que se estabeleceu a confiança entre eles.

A intervenção também é necessária quando existem disputas étnicas. Segundo Possuelo, existem etnias tradicionalmente inimigas que, comprimidas pela ocupação dos espaços,

acabam próximas umas das outras. Ocorrem os conflitos.

— Esta já não é uma luta guerreira, mas sim pela disputa de espaço para sobrevivência — esclarece o sertanista.

A frente de atração do Rio Jordão, por exemplo, na fronteira do Acre com o Peru, tenta evitar incidentes entre grupos isolados e os índios Kulina e Kampa, já contactados.

A equipe da CII é formada por cinco pessoas em Brasília e 40 pessoas em campo, entre sertanistas, técnicos-indigenistas e mateiros. No Amazonas, a região que mais congrega índios, não há nenhuma equipe. Possuelo diz que entre a intenção e o gesto há uma grande distância, por falta de recursos e de pessoas.

— Os sertanistas estão acabando. E há muito a ser feito. Mas nós encurtaremos esta distância que ainda existe — garante, esperançoso.